

## A CONSTRUÇÃO DA REFERENCIAÇÃO EM OBJETOS ESTÉTICOS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DO VÍDEO “VERSOS DE LEGÍTIMA DEFESA”

Heloísa Stefany Neves Queiroz<sup>i</sup> - (PUC Minas)

[heloisa.neves@sqa.pucminas.br](mailto:heloisa.neves@sqa.pucminas.br)

Renato Cassim Nunes<sup>ii</sup> - (PUC Minas)

[renato.cassim@sqa.pucminas.br](mailto:renato.cassim@sqa.pucminas.br)

### RESUMO:

Neste artigo, tomamos como objeto de análise um vídeo publicado no Instagram, em 13 de março de 2021, intitulado Versos de legítima defesa, no perfil @doantidoto, com o intuito de descrever, a partir dos estudos sobre a referenciação (SAUSSURE (1972); WITTGENSTEIN (2013); MARCUSCHI (2004), MARI (2008); (2005); e KOCH (2005)), algumas estratégias linguísticas, textuais e discursivas utilizadas no processo de referenciação do objeto estético escolhido. Sendo assim, como o corpus analisado possui uma linguagem mista, nós faremos uma discussão sobre a multimodalidade presente na construção da referência em textos dessa natureza, dialogando com autores que trabalham com esse aspecto linguageiro, a saber: ROJO (2014) e GALLESE e CUCCIO (2015). Nossa análise está dividida em duas partes: a primeira, em que faremos a discussão teórica, a qual servirá como base para a segunda, na qual, além de descrevermos os elementos que compõem o corpus, traremos uma análise sobre os possíveis efeitos de sentido que podem ser construídos a partir de leituras do texto estético analisado. Nessa perspectiva, exporemos algumas estratégias textuais/discursivas na construção do referente, tomando como base os estudos de KOCH (2003; 2005), MARCUSCHI (2004; 2005) e VOLÓCHINOV (2017).

**PALAVRAS-CHAVE:** referenciação; multimodalidade; objeto estético.

### ABSTRACT:

In this article, we take as an object of analysis a video published on Instagram, on March 13, 2021, entitled Versos de legit defense, on the profile @doantidoto, in order to describe, based on studies on referencing (SAUSSURE (1972); WITTGENSTEIN (2013); MARCUSCHI (2004), MARI (2008); (2005); and KOCH (2005)), some linguistic, textual and discursive strategies used in the process of referencing the chosen aesthetic object. Therefore, as the analyzed corpus has a mixed language, we will discuss the multimodality present in the construction of the reference in texts of this nature, dialoguing with authors who work with this linguistic aspect, namely: ROJO (2014) and GALLESE and CUCCIO (2015). Our analysis is divided into two parts: the first, in which we will carry out the theoretical discussion, which will serve as a basis for the second, in which, in addition to describing the elements that make up the corpus, we will bring an analysis of the possible effects of meaning that can be constructed from readings of the analyzed aesthetic text. In this perspective, we will expose some textual/discursive strategies in the construction of the referent, based on the studies of KOCH (2003; 2005), MARCUSCHI (2004; 2005) and VOLÓCHINOV (2017).

**KEYWORDS:** referencing; multimodality; aesthetic object.

## 0. Introdução

Este artigo surgiu como produto final da disciplina intitulada 'Referenciação - abordagens discursivas' do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, em que tivemos a oportunidade de refletir e discutir sobre o papel da referenciação nos estudos linguísticos dos últimos anos e das diferentes correntes de estudos que se debruçaram sobre essa perspectiva linguística. O nosso objetivo é analisar um dos vídeos apresentados durante a disciplina, pensando na maneira como a referenciação é construída nesse objeto estético que utiliza não apenas a linguagem verbal, como também o movimento, as cores e o som.

O vídeo por nós analisado, intitulado *Versos de legítima defesa*, foi publicado em 13 de março de 2021 no perfil do Instagram chamado @doantidoto, compartilhado diversas vezes, além de possuir mais de 80.000 visualizações e quase 400 comentários na época em que fizemos essa análise. A parte oral/escrita do vídeo será transcrita no corpo deste artigo, mas a íntegra pode ser acessada pelo link<sup>1</sup> disponibilizado. A página não possui um(a) autor(a) identificado(a), tem mais de 13 mil seguidores e apresenta diversos outros vídeos de temáticas semelhantes ao que será analisado no presente estudo.

É importante ressaltar que percebemos uma grande relevância nos estudos que demonstram que a construção da referenciação, muitas vezes, emerge de práticas sociais do meio artístico para mostrar uma resistência em relação a políticas opressoras que, geralmente, opõem-se a qualquer tipo de manifestação contrária às suas práticas públicas, sendo a arte um dos poucos caminhos em que há possibilidade de uma estratégica defesa que escapa de uma censura a qual, em muitos momentos, é imposta. Nesse contexto, historicamente, sabemos que a sociedade brasileira já passou pelo período da Ditadura Militar em que havia a censura de forma aberta e muitos poemas-canções não conseguiam passar por esta, mesmo adotando estratégias que buscavam deixar implícito o referente, como é o caso da conhecida música "Cálice" de Chico Buarque e Gilberto Gil<sup>2</sup>. Esse parece

---

<sup>1</sup> Vídeo na íntegra. Disponível em:

<[https://drive.google.com/file/d/1S0IDfSXQ1KCITd921hLGajPytN\\_YJAmL/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1S0IDfSXQ1KCITd921hLGajPytN_YJAmL/view?usp=sharing)> Acesso em 22 mar. 2021.

<sup>2</sup> Nesse poema-canção, os compositores exploraram, fonologicamente, o substantivo "cálice", que remete ao recipiente usado por Jesus Cristo na última ceia, e a forma imperativa do verbo "calar", que fazia analogia ao Ato Institucional de número 5 (AI 5), que consistia em censurar produções artísticas que fossem acusadas de subverter valores morais e ideológicos vigentes. Esse jogo com a palavra "cálice" tratava de uma estratégia argumentativa de criticar o regime militar. Mesmo com tal crítica, por não ser explícita, ao o governo daquela época aprova o poema-canção para ser registrado e circular, socialmente.

ser também o caso do vídeo que será analisado, o qual, mesmo sendo publicado nos dias atuais, já sinaliza essa emergência de uma defesa logo no título.

Nossa análise terá o objetivo de compreender a construção da referenciação em uma visão discursivo-dialógica<sup>3</sup>, considerando a multimodalidade do *corpus*, construindo uma análise não apenas do linguístico, mas também de outras semioses, como as cores e o som, as quais podem, na interação, interferir na construção do referente, o que, automaticamente, gera inúmeras possibilidades de efeitos de sentido, fato que não pode ser apreendido somente no linguístico, sendo necessário o extralinguístico. Dessa forma, o presente estudo será a junção do linguístico, imagético, movimento e som, o qual possibilitará uma análise real dos efeitos de sentido depreendidos do objeto estético.

Geralmente, nós dividimos o mundo em fictício e real: no primeiro, cabe tudo, isso porque nossa imaginação é livre para fazer as vacas voarem e os pássaros falarem, e agirem como humanos. Já no segundo, nem tudo é possível, sempre há desentendimentos e equívocos, embora nossos veículos midiáticos, por meio de jornalistas, costumem afirmar que o jornal é sério, imparcial e objetivo, algo que outras esferas sociais também procuram reivindicar. Contrariamente aos jornalistas, há evidências de que a linguagem é opaca<sup>4</sup> e, portanto, passível de inúmeros problemas de significação, sobretudo, quando se trata de referenciar um objeto do mundo, já que as palavras, segundo Mondada (2003), não etiquetam o mundo, embora, por meio delas, é que nomeamos e definimos as coisas.

Ainda que as pessoas queiram o lugar da verdade, parece que sempre haverá um empecilho, pois, nas interações, os efeitos de sentido nunca são os mesmos para os sujeitos envolvidos pelas trocas verbais, por isso, não é algo incomum encontrar depoimentos ou relatos de pessoas que passaram por situações embaraçosas na hora de realizar uma compra ou pedir uma informação, sempre havendo a famosa proposição para esses casos: “mas não foi isso que eu quis dizer”<sup>5</sup>. Mas será que, na arte, cujo mundo é verossímil por natureza, é possível encontrar dubiedade dos sentidos em relação aos referentes mobilizados pelos produtores? Seriam os objetos artísticos aqueles que possibilitariam as representações de alguns significados por meio de diferentes

---

<sup>3</sup> Fundada na Análise Dialógica do Discurso (ADD).

<sup>4</sup> Authier-Revuz (2004), na obra *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*, demonstra, por meio de uma leitura dos trabalhos de Bakhtin e Lacan, que a linguagem não é clara e transparente, mas opaca, cheia de lacunas e, portanto, sujeita a equívocos e desentendimentos.

<sup>5</sup> É o que ocorre, por exemplo, na crônica de Luiz Fernando Veríssimo: *Comunicação*.

significantes? Seria a arte o lugar possível para reivindicar e protestar contra direitos sem os dizer de forma explícita?

Partindo dessas indagações, queremos refletir e rastrear, por meio da análise de um objeto artístico, como se dá a construção da referenciação em outra esfera social, a da estética, por isso, transcreveremos o vídeo supracitado, recortaremos os enunciados presentes nele e proporemos um esquema analítico para compreender esse processo de produção de sentido na arte e os possíveis efeitos de sentido depreendidos dela.

## **1. Considerações teóricas**

O objeto estético em estudo apresenta-nos diversas entradas para análise: poderíamos fazer uma análise linguística que envolva as escolhas morfológicas, lexicais e sintáticas do autor; uma análise textual que nos apresentasse como a tessitura do texto demonstra os efeitos de sentido pretendidos; uma análise semântico-discursiva que possibilite perceber a construção ideológica do texto; uma análise considerando a multimodalidade do texto ou mesmo combinações entre esses tipos de análises citadas. Entre essas, fizemos algumas escolhas que passam pelo linguístico, chegam no extralinguístico e vão para o cognitivo por meio da integração de diferentes sensores ao analisar um trabalho multimodal.

Segundo Benveniste (1989), já que a língua é o único sistema semiótico pelo qual conseguimos fazer exercícios metaenunciativos, começaremos nossa discussão considerando o signo linguístico. Sendo assim, como afirma Saussure, sabemos que “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1972, p. 80). Assim, não podemos afirmar que o significante está etiquetando os significados ou etiquetando o mundo, mas que ele une um conceito a uma imagem mental que é criada com aquele conceito. Os significantes, assim, são representações socialmente criadas para se referir aos conceitos que temos, socialmente acordados, das coisas que existem no mundo. Por esse motivo, “a palavra tem de conter, como seu elemento constitutivo, uma alusão a uma exterioridade” (DUCROT, 1984, p. 419), ou seja, a palavra em si não significa nada, mas ela sempre busca a exterioridade. É importante entendermos que as palavras não são imparciais e que a escolha delas sempre demonstra a posição do locutor. Por outro lado, é necessário compreendermos que “[...] os

termos ou são ambíguos ou podem produzir efeitos diversos, já que a língua é opaca por natureza e as palavras não operam em estado de dicionário” (MARCUSCHI, 2004, p.271). Dessa maneira, buscaremos, considerando o *corpus* proposto, analisar o objeto estético, utilizando elementos da morfologia, da sintaxe e da semântica, para que possamos conseguir construir concretamente os possíveis efeitos de sentido criados e as diferentes leituras que o texto possibilita-nos.

Perceberemos, durante a análise, que o objeto estético em questão, neste estudo, faz o uso de significantes que não apontam, se pensássemos em uma transparência linguística, para nenhum referente de forma explícita, mas que, se considerarmos a opacidade inerente à língua, os significados resultantes de uma visão geral do vídeo expandem os significantes para um segundo sistema de significação, criando, assim, novos significados que são coerentes apenas naquele contexto específico.

Volóchinov (2018, p. 200) afirma que “o enunciado é de natureza social” e que “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (2018, p. 184). Isto é, todos os enunciados têm uma orientação social, já que eles são repletos de diferentes atitudes responsivas de outros falantes/outros enunciados em uma determinada esfera discursiva. Veremos que essa afirmação concretiza-se no vídeo que será analisado, uma vez que tudo o que é ali enunciado possui uma orientação social e parece já se construir como uma resposta de discursos que estão presentes no cenário político brasileiro.

Para compor os enunciados, utilizamos a língua. Porém, é importante ressaltar que a língua como um sistema de formas normativas é uma abstração, e que os falantes utilizam-na de forma concreta, materializada na palavra. Dessa forma, a palavra não pode ser considerada abstração, mas ao contrário, “a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 181), e é por esse motivo que não existem enunciados neutros, já que todos eles demonstram quem são os falantes, quais seus discursos e com que orientação enunciam. Temos, assim, a comprovação de que qualquer objeto estético escolhido para análise não pode ser considerado como neutro ou ingênuo, reforçando nossa posição de que o vídeo escolhido demonstra, por meio das escolhas lexicais e das possibilidades criadas a partir das

combinações no léxico, um posicionamento ideológico de quem o criou e um combate a outros posicionamentos ideológicos diferentes daquele.

É preciso refletir também sobre as estratégias de referenciação que o autor do vídeo, em análise, utiliza para construir o referente. Sendo assim, concordamos com Koch (2005, p. 34-35), quando ela afirma que a referenciação constitui uma atividade discursiva em que o sujeito, por meio de um material linguístico, realiza “escolhas significativas para apresentar estados de coisas com vistas à concretização de sua proposta de sentido”. Essas escolhas, segundo a autora, são efetuadas em função de um querer-dizer de um sujeito social atuante que processa o seu discurso de forma estratégica. Assim, as escolhas lexicais, as formas nominais e as predicacões apresentadas são modos de revelar determinados pontos de vistas e valores sobre um referente, ou seja, meios de termos acesso aos possíveis efeitos de sentido que podem ser apreendidos a partir da materialidade que temos, como poderá ser visto na análise que será feita neste trabalho.

Podemos também recorrer à Koch (2008) ao pensarmos que é possível analisar o vídeo por meio das anáforas indiretas, aquelas que não possuem referente explícito no corpo do texto, as quais nos mostrariam, por meio da estratégia de associação, um possível caminho de leitura do texto. Sobre a estratégia de associação, Koch a define que

a estratégia de *associação* consiste, pois, no emprego de expressões definidas anafóricas, sem a presença de um referente explícito no texto, mas que é inferível a partir de outros objetos nele explícitos, que funcionam como âncoras. [...] Trata-se de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito [...] cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir de algum elemento do cotexto precedente (KOCH, 2008, p. 103).

Demonstraremos, na análise, que, por meio de pistas linguísticas, podemos recuperar um referente que não está explícito no texto, mas que pode ser interpretado pelos leitores a partir do contexto que precede e que acompanha a publicação do vídeo, enquanto um objeto estético. Não podemos deixar de considerar que, além das estratégias textuais, há estratégias que extrapolam o linguístico, já que estamos lidando com um texto que se ancora também em imagens, sons e movimentos, chamado de texto multimodal. Dessa maneira, textos multimodais, segundo o Glossário Ceale, são

modos de significar e configurações que se valem das possibilidades hipertextuais, multimidiáticas e hipermediáticas do texto eletrônico e que trazem novas feições para

o ato de leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam (ROJO, 2014).

Percebemos, claramente, no contato com o *corpus*, que a análise não deve considerar apenas o linguístico, uma vez que, em paralelo ao texto escrito/falado, temos formas e cores que aparecem, uma música instrumental de fundo que perpassa todo o vídeo e movimentação entre as palavras, que animam o texto. Sendo assim, é importante considerar todos esses elementos para a construção dos efeitos de sentido, já que, com “a crescente produção de significados em vários modos, [...] a produção e a disseminação de imagens ameaçam a hegemonia do verbal como principal meio de comunicação e representação” (GUALBERTO; SANTOS, 2019, p. 5), sendo essencial considerar o todo constituinte do *corpus* para uma análise eficaz. Nesse contexto, analisar apenas o linguístico, nesse caso, seria como analisar apenas um capítulo de um romance ou somente o primeiro parágrafo de uma crônica, como sendo representativos da obra completa, numa relação metonímica. Sendo assim, podemos afirmar que não é possível observar apenas parte de um objeto estético e conseguir alcançar os inúmeros efeitos de sentido que podem ser gerados por uma obra, já que o linguístico, o visual, o som e o movimento complementam-se no que parece ser um jogo de construção de sentidos para alcançar aquilo que se pretende.

## **2. O problema da referenciação e suas implicações na arte**

Apontar os objetos do mundo faz parte da natureza humana, porque, desde a infância, já fazemos isso a fim de conseguir aquilo que almejamos, prática que vai desde um alimento, como leite materno ou mingau, até a atenção do responsável pela nossa sobrevivência e desenvolvimento. Embora “esse apontar”, durante a interação com o outro, nem sempre é compreendido, nós tanto podemos fazê-lo por meios linguísticos, com o uso de pronomes e/ou de advérbios, quanto podemos fazê-lo por meio de outras semioses, como gestos e símbolos.

Esse problema de compreender o que está sendo referenciado está associado ao produtor e ao receptor dos objetos textuais ou artísticos, ou seja, está na relação intersubjetiva, por isso, sempre nos deparamos com situações como erros de interpretação

ou equívocos na leitura de alguma obra. Nesse sentido, de acordo com Mari (2020), toda produção de sentido passa por um conjunto de Crenças, Desejos e Expectativas<sup>6</sup>. Sendo assim, quando enunciamos: “estou com sede”, isso revela um estado mental de *secura*, um desejo de ingerir líquidos e uma expectativa de tomar uma cerveja ou de beber água em algum bar ou cozinha.

No entanto, como ensinava Saussure (1972), todo signo linguístico é arbitrário, então, o enunciado usado no exemplo supracitado pode ser lido ou interpretado, no mínimo, como uma oferta a beber com alguém ou um pedido de uma bebida qualquer. Numa dada interação ainda, tal enunciado poderia ser um código para abrir cofres ou iniciar softwares, bem como um sinal para identificar uma pessoa que trabalha em algum serviço secreto. Isso significa que ainda não sabemos os limites de sentido para o uso dos signos na interatividade.

Se nos objetos linguísticos, que servem para se expressar, comunicar e interagir, há problemas de se identificar o referente sobre o qual se está discursando, será que nos objetos estéticos, que servem para ser percebidos e apreciados, também haveria problemas de se encontrar o referente? Como se daria a relação intersubjetiva nessa interação?

Antes de responder essas perguntas, é importante atentar-nos para a questão da multimodalidade, entendida, aqui, baseado nos estudos de Gallese e Cuccio (2015) sobre a cognição corporificada, como a integração dos nossos sensores nas nossas atividades produtoras de textos, discursos, sentenças e objetos artísticos, pois, quando enunciamos discursos, como: “estou com sede”, há uma combinação de sons e uma entonação prosódica que pode, inclusive, ser escrita ou musicalizada, portanto, acionamos os sensores háptico, sonoro, visual e até gustativo, visto que tanto o conceito de “sede” quanto nossas crenças, desejos e expectativas estimulam-nos a sentir vontade de beber, sendo que até a boca, por simulação da ingestão de líquidos, pode ficar seca, esperando ingerir algum tipo de líquido quando proferimos ou ouvimos tal enunciado.

Assim, ampliamos a definição feita por Rojo (2014) no dicionário do Ceale sobre a multimodalidade, pois, ao contrário da autora, embora analisemos, neste artigo, um texto que se encaixa na definição dada por ela, nós assumimos o ponto de vista de que qualquer

---

<sup>6</sup> Trata-se de metapredicados criados por Mari (2020), a fim de compreender o aspecto reflexivo da linguagem e a inclusão do Outro.

produção humana é multimodal, porque todas elas vêm de redes neurais distintas, além de passar por diversas formas de raciocínios (indutivos, dedutivos e analógicos).

Nessa perspectiva, nada do que fazemos é produzido apenas em uma área do cérebro, mesmo as áreas de Broca e Wernicke, partes do córtex cerebral responsáveis pela fala, tudo está disseminado em todas as partes do corpo, por isso, Gallese e Cuccio (2015) trabalham com a noção de corporificação, pois, por meio de representações simbólicas, podemos compartilhar nossas experiências, sensações e impressões do mundo. Dessa forma, ao pensarmos na arte de maneira geral, Jankélévitch (2018), por meio da música – em particular – é afirma que esta é uma forma de inexpressividade, não pelo motivo desta não possui nenhuma expressão, mas porque ela possibilitaria diferentes efeitos de sentido a depender do sujeito que a escuta, . Ademais, a música possui um caráter de sátira a algum sistema vigente ou resistência às ideologias diversas, além de ser multimodal.

Como não há um referente no mundo para o Dó maior, tampouco para a cor amarela, nós, por analogia, associamos as notas musicais com a entonação da voz de algum personagem ou com o som de algum objeto, fazemos o mesmo com as cores, por exemplo, podemos associar o amarelo com o sol, o que, numa relação metonímica e até metafórica, passa a representar coisas que se tornam objetos dos nossos discursos.

Por isso, os textos, sobretudo, os do meio digital, que utilizam da linguagem mista, exigem dos leitores maior mobilização das formas de conhecimento. Do mesmo modo, as artes, embora sejam feitas para apreciação e percepção, podem representar objetos do mundo, os quais, por analogia, acabam por apontar para algum objeto ou ser vivo.

Entretanto, como não sabemos o limite das reminiscências que somos capazes de fazer diante de qualquer objeto, seja este de natureza linguística ou estética, ainda não conseguimos mensurar as possibilidades de produção de sentidos, principalmente, no que se refere às artes, pois estas pertencem ao mundo imaginário, no qual as regras de coerência e lógica não imperam ou pelo menos são de outra natureza, pois tanto a ordem quanto as formas podem ser alteradas.

Isso nos faz pensar que as relações intersubjetivas na interação com objetos estéticos dar-se-iam por meio da experiência entre *o fazer artístico*, o que envolveria tanto conhecimentos prévios do artista quanto do apreciador das artes; e *o viver artístico*,

o que envolveria a historicidade<sup>7</sup>, pois só atribuímos sentidos às artes de acordo com a cultura e ideologias vigentes e dominantes.

### 3. Análise

Iniciando nossa análise, reconhecemos que um artigo não comporta a apresentação do vídeo e isso é um problema para o nosso leitor, visto que analisaremos não apenas o linguístico, mas também as possibilidades imagéticas criadas pelo autor. Solicitamos, portanto, que o leitor colaborativo acesse o link – disponível na introdução do artigo e também ao final da transcrição do material linguístico do texto em análise – que o encaminhará para o vídeo completo, multimodal, e possibilitará que o leitor tenha uma melhor experiência ao ler nossa análise. Traremos, a seguir, do material linguístico do vídeo que serviu como base para o início da nossa análise.

#### **Versos de legítima defesa**

Excrementíssimo persistente da República  
Que equilibra a força e a gente lesa  
De pé para o suíno nacional  
No palhaço do planalto enquanto preza  
Pelo apoio dos limitares  
Pela metralha de ouro no pódrio  
Ainda que famílias vertam por dia  
Duas milágrimas de pavor e sódio  
E se há dez mil  
E se há cem mil  
E se há duzentas, trezentas mil? (e se miliciar)  
E se há lugar, um apartamento  
Inquilino coração do Brasil? (e se miliciar)  
E se nas rachadinhas estruturas das viaturas  
Há quem PEC contra o direito sagrado institucional  
Dos limitares que encantam o suíno nacional  
Para que tu Guedes tudo aquilo que ainda resta  
Está escrito na sua cara, mas a máscara está na testa  
Agente laranja, fantástica  
Terra arrasada onde Moro.  
É cloro-qui-não funciona.  
Pastores e pastadores enterram o tesouro.  
Olavo o chão com lágrimas  
Dos filhos, filhas e falhas  
Dos falecidos do asfalto  
Pode contar que a conta chega  
Endereçada ao palácio do terraplanalto.

---

<sup>7</sup> É uma noção da Análise do Discurso de vertente francesa que vê os sentidos em deslocamentos conforme vão sendo atualizados.

(DEFESA, Versos de Legítima. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1S0IDfSXQ1KCITd921hLGajPytN\\_YJAmL/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1S0IDfSXQ1KCITd921hLGajPytN_YJAmL/view?usp=sharing)>. Acessado em: 22 mar. 2021)

Nesse poema-canção, há um jogo fonológico que estimula nosso raciocínio analógico em comparar, de forma crítica, o governo do presidente Jair Bolsonaro com a realidade social vivida pela sociedade brasileira, algo que Wittgenstein (1961), nas suas investigações filosóficas, chamou de “ver que” e “ver como”, ou seja, ao ler ou apenas ouvir a leitura desse texto, seja na transmissão audiovisual ou impressa, nós, falantes da Língua Portuguesa, conseguimos perceber, pela cacofonia, ora uma referência do enunciador ao se dirigir ao Presidente da República, que se enquadraria na categoria “ver que”, ora um xingamento por parte do enunciador ao se dirigir ao seu interlocutor, que, por analogia, pode ou não ser o Presidente da República, que seria o “ver como”. Isso não deixa de ser uma estratégia argumentativa desse enunciador, visto que improperios direcionados ao chefe de uma nação, sobretudo daqueles que apresentam características autoritárias, pode acarretar um crime, e o responsável pelos ditos pode ser preso ou até torturado e morto.

Considerando o texto escrito, que, no vídeo, aparece em alguns momentos de forma escrita e em outros de forma narrada, o objeto estético em análise é iniciado com o que parece ser um vocativo: ‘Excrementíssimo persistente da República’, permitindo que o leitor, instigado pelos conceitos interiorizados de gêneros textuais, considere que o que virá a seguir possa ser uma carta, já que o gênero carta comumente tem vocativo no início, um pronome de tratamento ‘Excrementíssimo’, o que representaria um cargo público ‘persistente da República’, e também alguma forma de indicação do destinatário que podemos perceber no último verso, como ‘Endereçada ao palácio do terraplanalto’. A partir do primeiro verso, o autor, com tom irônico, aos poucos, constrói o referente em um formato de poema, ao apresentar uma narrativa em versos e com certa musicalidade<sup>8</sup> ao narrar. Sendo assim, podemos considerar, por causa das pistas estruturais, que estamos diante de uma hibridização dos gêneros carta e poema, que pode gerar o efeito de sentido de que, mesmo sendo um objeto estético (característica do gênero poema), seria também endereçado a uma pessoa ou a um conjunto de características de um grupo representado por uma pessoa (características comuns ao gênero carta).

---

<sup>8</sup> Por causa do ritmo e da impostação da voz.

O vídeo é marcado pelo uso recorrente de Anáforas Indiretas, doravante (AI), como: *miliciar, rachadinhas, PEC, laranja, Moro, Guedes, terraplanalto*. As AI introduzidas pelo autor não retomam um referente prévio, mas ativam novos referentes que recategorizam e (re)constroem os significados dentro do texto. Essa inserção de AI nos remete a uma discussão desenvolvida por Marcuschi (2005). Para esse autor, o uso de AI leva-nos a considerar que os processos cognitivos e as estratégias inferenciais são decisivos na atividade de textualização e construção dos significados. Nessa perspectiva, o linguista chama a nossa atenção para o fato de que

todas as AI são expressão explícita de relações de coerência implícitas nas estruturas textuais. Ao receptor cabe ativar ou construir essas relações implícitas. Toda interpretação de uma AI exigirá o processo de estabelecimento de uma relação conceitual ou semântica ou textual-discursiva (MARCUSCHI, 2005, p. 81).

A Anáfora Indireta, assim, possui uma motivação ou ancoragem no universo textual, bem como em processos inferenciais e conhecimentos de mundo e, por isso, ela conta com alguns conhecimentos prévios do leitor daquele texto para alcançar os efeitos de sentido. Vemos que as Anáforas Indiretas utilizadas pelo autor do vídeo (*miliciar, rachadinhas, PEC, laranja, Moro, Guedes, terraplanalto, etc.*) são termos usados na esfera política, principalmente no cenário político brasileiro atual, que exigem do leitor uma ativação de saberes culturalmente compartilhados por essa comunidade específica. Nesse contexto, podemos compreender que *miliciar* refere-se às milícias que funcionam como um poder paralelo às forças de segurança nacional, sendo um grupo que busca sempre, de forma impositiva, obter vantagens políticas, econômicas e sociais; *rachadinhas* faz referência à prática de servidores públicos de devolver parte do próprio salário para um político ou assessor, sendo considerado um ato ilegal; *PEC* é a sigla para proposta de emenda à Constituição; e *laranja*, no contexto político, não se refere nem a uma fruta nem a uma cor, mas a uma pessoa que empresta seu nome, de forma voluntária ou não, para intermediar transações financeiras fraudulentas, ocultando a identidade de alguém que pode sofrer consequências por isso. Já as palavras *Moro* e *Guedes*, por aparecerem na parte escrita do vídeo grafadas com inicial maiúscula, demonstram-nos serem nomes próprios. Por ser um contexto político, os nomes podem remeter a Sérgio Moro, Ex-Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil, e a Paulo Guedes, atual ministro da Economia do Brasil, respectivamente.

Temos ainda o significante *terraplanalto* que parece ser uma aglutinação da palavra ‘terraplanismo’ – termo negacionista, sem comprovação científica, utilizado por pessoas que afirmam que o planeta Terra é plano – e da palavra ‘planalto’ – Palácio do Planalto – onde está situado o Gabinete do Presidente da República. Dessa forma, percebemos que todos esses signos são exemplos de anáforas indiretas no texto analisado, uma vez que nenhum deles possui referente explícito no próprio texto e, por isso, conta com conhecimentos prévios ou busca de informações, por parte do leitor. Ao nosso ver, o uso dessas Al’s leva o leitor a buscar ancoragem do referente em um nível que extrapola a superfície do texto, recorrendo ao seu *background* e/ou processos de inferenciação. Nesse contextp, ao falar sobre o uso de anáforas, Koch ratifica o nosso pressuposto ao dizer que

[...] a interpretação de uma expressão referencial, anafórica, nominal ou pronominal, consiste não simplesmente em localizar um segmento linguístico no texto (um “antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva (KOCH, 2005, p.35).

É válido observar também que as estratégias utilizadas pelo autor para construir o referente possuem um grande valor ideológico. Isso porque os sintagmas adjetivais e as formas predicativas funcionam como rótulos avaliativos que constroem significações sobre o referente e orientam o leitor sobre esse objeto discursivo. Vejamos algumas dessas expressões que marcam as apreciações valorativas do autor sobre o referente: “Excrementíssimo persistente da República”, “palhaço do planalto”, “rachadinhas estruturas das viaturas”, “agente laranja”, “palácio do terraplanalto”. Sem dúvida, a seleção lexical desempenha um papel importante para corroborar a orientação argumentativa do autor. Os sintagmas adjetivais utilizados imprimem uma carga valorativa ao referente e marcam a perspectiva e o ponto de vista do autor nesse processo de referenciação. Essa estratégia ilustra que a função das expressões referenciais não é apenas referir, pois elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista e assinalando direções argumentativas (KOCH, 2002, p. 106). Demonstram, portanto, o posicionamento ideológico daquele que enuncia.

Não podemos deixar de considerar o título dado ao vídeo analisado: Versos de legítima defesa. Isso porque, nos termos do art. 25 do Código Penal, “entende-se em legítima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem”, portanto, é possível concluir que

o objeto estético em análise foi construído com a intenção de defender o autor ou mesmo de defender um grupo de pessoas que o autor considera precisar de defesa, ou seja, aqueles que concordam com o posicionamento. Além disso, por ser publicado em redes sociais, permite que outros perfis compartilhem e revalidem a necessidade de defesa. Dessa forma, considerando que o vídeo faria referência ao ambiente político, percebemos que os versos criados seriam uma maneira de protesto/proteção do mal causado a tantos grupos pelo atual governo do país e que a arte seria um meio de se contrapor, e a visibilidade disponibilizada no meio virtual seria uma forma de encontrar ou até mesmo angariar mais adeptos.

A construção da referenciação no vídeo dá-se em partes por uma estratégia específica do enunciador: utilizar alguns signos que fonologicamente remetam a outros signos que possuem referentes ligados ao Presidente da República para não haver possibilidade de ser configurado como crime. Temos, abaixo, como exemplo alguns sintagmas, suas respectivas semelhanças fonológicas e suas possibilidades de leitura e de efeitos de sentido (não sendo os únicos, mas aqueles que imediatamente percebemos).

Quadro 1 – Análise textual

No vídeo	Fonologicamente lembra	Possível efeito
Excrementíssimo persistente da República.	Excelentíssimo Presidente da República – pronome de tratamento e cargo do maior representante político do país.	Ato de repulsa e de desaprovação das atitudes tomadas por aquele que ocupa o cargo de presidente do país.
Que equilibra a força e a gente lesa.	Lesar (causar dano/lesão) ou gentileza.	Crítica às práticas políticas adotadas pelo atual governo que, recorrentemente, tentam agradar os mais influentes, enquanto causam danos àqueles com menores recursos.
Palhaço do planalto.	Palácio do Planalto.	Sátira ao local destinado ao trabalho da presidência da República, que é representado como um local de palhaços, sendo o significante 'palhaço' utilizado no sentido pejorativo de alguém em quem não é possível levar a sério.

Apoio dos limitares.	Apoio dos militares.	Os militares são representados como aqueles que impõem os limites, fazem a diferenciação entre as pessoas e estão do lado das ações do governo.
Duas milágrimas de pavor e sódio.	Duas mil lágrimas de pavor e ódio.	A representação de diversas famílias que perderam parentes para a COVID-19 e que se dividem entre os sentimentos de pavor (pelo medo constante do vírus) e o ódio (por considerarem haver omissão do governo no combate à doença).
Há quem PEC contra o direito sagrado institucional.	Pecar – profanar ou PEC (Proposta de Emenda Constitucional).	Críticas às inúmeras Propostas de Emendas Constitucionais que nem sempre se voltam para o bem comum e, muitas vezes, pretendem descumprir até mesmo aquilo que já estava na lei, o que seria considerado sagrado para a democracia.
É cloro-qui-não funciona.	É claro que não funciona ou É cloroquina que não funciona.	Referência e crítica ao uso e divulgação do medicamento sem eficácia comprovada e das inúmeras <i>fake news</i> sobre um possível tratamento precoce para a COVID-19.

Fonte: elaborado pelos autores.

Analisando o quadro acima, percebemos que o autor utiliza significantes que fonologicamente podem lembrar outros e, assim, assumir novos significados e alcançar diferentes efeitos de sentido daqueles que poderiam assumir fora desse contexto. Como desde o início somos situados em um léxico que se liga à esfera política, nossa leitura volta-se para significantes que façam parte dessa mesma esfera e nos permitem ler além dos significados socialmente combinados para aqueles significantes. Essa estratégia pode ter sido pensada, para que não haja embate direto com o governo, mas que leve o público leitor e eleitor a compreender o referente que pretende ser construído sem necessariamente ser acusado de algum crime, atos comuns na Ditadura Militar, por exemplo. Essa foi uma estratégia, além de argumentativa, recorrente, utilizada para fugir da censura, tendo em vista que, infelizmente, esta é uma realidade no país.

Há também, como já mencionado, a pista linguística deixada em dois momentos do texto: nos versos “Para que ti Guedes tudo aquilo que ainda resta” e “Terra arrasada onde

Moro”, podemos perceber que as palavras ‘Guedes’ e ‘Moro’ foram grafadas com inicial maiúscula. Por ser o meio da frase, só palavras pertencentes à classe de substantivos próprios seriam grafadas com inicial maiúscula, dando, assim, uma pista de que a palavra ‘Guedes’ pode ser uma referência a Paulo Guedes, Ministro da Economia, e ‘Moro’ uma referência ao ex-Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, já que a vogal “o”, na primeira sílaba, no vídeo, é dita fechada e não aberta. As duas sentenças que levam os nomes dessas figuras públicas são relacionadas a momentos de tristeza, podendo haver o sentido de que são pessoas que contribuíram para o cenário negativo apontado pelo vídeo analisado. Essa referência seria possível e embasada pela ligação de todo o texto com palavras relacionadas à política brasileira.

Considerando agora os demais aspectos presentes no vídeo, além do linguístico já analisado, percebemos que a produção audiovisual é narrada por uma voz grave e se inicia com um fundo totalmente preto e com uma escrita na tela do que é narrado com letras brancas, passando a ideia de um vídeo mais formal. A partir do verso ‘no palhaço do planalto’, temos uma maior informalidade, com a inserção das cores roxa, rosa e verde nas letras e imagens abstratas que passam a aparecer na tela. Há também uma maior animação do texto escrito, com letras em diferentes fontes que se movem enquanto o texto é narrado. A partir do verso ‘agente laranja’, temos a inserção da cor vermelha em diversas formas geométricas, inclusive no fundo que, até o momento, era todo preto. O último verso aparece em fundo preto e com letras na cor vermelha e grifadas de amarelo. Sendo assim, percebemos que o vídeo tem majoritariamente a cor preta, que remete, em nossa cultura, ao luto, e pontos de cores primárias nas letras que se destacam de maneira significativa em contraste com o fundo escuro. As palavras, em hipótese, aparecerem na tela de forma estratégica, já que elas remetem a outros significados que extrapolam o linguístico. Além disso, para que o leitor tenha mais atenção, aparecem letras com cores e tamanhos mais intensos, dando uma espécie de pista para o leitor que não tenha se atentado para outras possíveis leituras.

Em relação ao som, há um dedilhado de acordes menores no teclado com som de órgão, com intervalos menores, o que nos remete ao fundo musical de programas políticos ou religiosos que eram transmitidos em cadeias de rádio nacional, tornando o ambiente, ao se combinar com as cores pretas e vermelhas, sombrio e temeroso. Tudo com o intuito de satirizar o cenário político brasileiro atual, pois os opositores do governo tratam-no de forma

pejorativa de “Bozo”, referência tanto ao início do sobrenome do presidente “Bolsonaro” quanto ao personagem, animador de TV, que usava esse nome e se vestia de palhaço. Ademais, a palavra também pode ser lida como uma forma de identificação com as famílias enlutadas por causa da Covid-19, uma vez que o sucesso ou a desgraça de um país é sempre associada aquele que representa o governo, sendo o atual responsável por tantas tristezas que a população está vivendo.

O quadro, a seguir, além de descrever, de forma sucinta os elementos não verbais, traz categorias analíticas para se desenvolver análises de textos dessa natureza.

Quadro 2 – Análise imagética

No vídeo	Geometricamente lembra	Possível efeito
Cores preta e branca na forma de letras e preenchendo o retângulo da tela.	um letreiro de algo importante.	Destaque de um anúncio, gênero que traz uma informação relevante para que o leitor tenha conhecimento.
Cores azul, roxa e preta na forma de letra e preenchendo o retângulo da tela.	um letreiro de uma boate ou casa de show.	A falta de seriedade do Governo frente aos problemas sociais.
Cores amarelas e roxas nos formatos de letras, em círculos e semicírculos.	o Palácio do Congresso Nacional, uma medalha, um carimbo de folha timbrada ou um alvo para tiros de arma de fogo.	Corrupção do governo ou denúncias de genocídio.
Cores amarela e branca em forma de várias palavras e outros caracteres e em linhas retilíneas.	quantidades de pessoas ou coisas e rupturas.	Denúncias de genocídio pela COVID-19 e os escândalos de rachadinhas.
Cores cinza, branca e preta no formato de tinta num quadro com fundo retangular.	recortes de manchetes de jornais impressos ou documentos antigos.	Acusações graves sobre sonegação dos direitos constituintes.
Cores branca e preta em movimento e em formato de letras com fundo retangular.	surgimento ou nascimento de algo	Esclarecimento da realidade ou denúncia da hipocrisia do Governo.
Cores branca, preta e vermelha em formato de letras, fundo retangular e linhas curvilíneas.	deserto, terreno árido e vazio.	Denúncia de desmatamento e degradação do meio ambiente.
Cores branca, roxa e preta no formato de letras e semicírculos.	poemas concretistas e engrenagens.	A lei do retorno: tudo que fazemos retorna para nós seja para o bem ou para o mal.

<p>Cores vermelha, branca, amarela e preta em forma de letras, semicírculos e tanto o fundo como a palavra de destaque dentro de um quadro retangular.</p>	<p>o Palácio do Congresso e letreiro do comércio.</p>	<p>A responsabilidade pela morte das pessoas pela COVID-19.</p>
--	---	---

Fonte: elaborado pelos autores.

Como nós só enxergamos dentro de uma forma, essas duas categorias, forma e cor, são essenciais para analisar textos dessa natureza, pois tanto as formas quanto as cores mudam de sentido dependendo do contexto sociocultural em que estão inseridos. No caso do vídeo em questão, o fundo retangular é inevitável, devido à plataforma do *Instagram*, já que o suporte dessas plataformas, os celulares, são de forma retangular. A cor predominante de fundo é o preto, mas poderia ser outra. No entanto, o autor escolhe o preto, uma vez que, na cultura brasileira, essa cor está, geralmente, associada ao luto e à seriedade.

Já as cores em formato de círculo, semicírculo e retilínea ou curvilínea foram selecionadas para remeter ao monumento feito em Brasília pelo engenheiro Oscar Niemeyer intitulado como Palácio do Congresso Nacional, responsável pela elaboração das leis e fiscalização do poder executivo. Como o Presidente da República vem desse reduto, o autor do vídeo escolheu preencher os semicírculos que nos remete ao Congresso, sobretudo de vermelho, a fim de provocar o leitor por meio do sentido da visão a pensar na ideia da responsabilidade ou culpa pelas mortes ocasionadas em decorrência da COVID-19, já que há uma associação direta entre a cor vermelha e o sangue.

Em relação ao elemento sonoro, o quadro, abaixo, traz bases para uma análise que leva em consideração esse sentido.

Quadro 3 – Análise sonora

No vídeo	A distância intervalar ou reminiscências sonoras	Possível efeito
Timbre grave de órgão em teclado.	Anúncios políticos ou religiosos.	Pronunciamento importante.
Ritmo simples.	Pulso tético, começando do agudo para o grave.	Alguém descendo uma escada ou o fim de uma jornada.

Cadência plagal ou do amém.	Encerramento de músicas do sistema tonal.	O fim de uma música.
-----------------------------	---	----------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

Embora o recurso sonoro seja o menos explorado nesse vídeo, esse sentido não deve ser desconsiderado em textos dessa natureza, para tanto devemos recorrer aos parâmetros do som (altura, intensidade, ritmo e timbre), numa relação com a linguagem, principalmente, o aspecto prosódico.

Nesse texto, há uma narração, provavelmente feita por um homem, porque o timbre é grave e nos lembra a voz masculina. Em alguns momentos, o narrador enfatiza algumas sílabas das palavras que ele quer chamar a atenção, algo muito recorrente na fala. No final, há uma melodia que é finalizada em dois acordes de cadência final ou plagal, que é muito usado para finalizar composições, sobretudo as hinódias, cuja palavra “amém” recai sobre os acordes desse tipo de cadência.

A utilização desse recurso melódico, ao final do vídeo, principalmente em modo menor musical, remete a um término de peça musical de maneira triste, logo, é possível a associação entre o encerramento de uma ópera com fim trágico, por exemplo, do atual governo, nem que seja apenas um desejo por parte do autor. Isso porque este joga com a ideia da lei do retorno, presente tanto no texto verbal quanto no não verbal, na qual tudo aquilo que o autor julga como ruim voltar-se-á para quem promove essa maldade, e esse alguém em questão seria o Presidente da República, ainda que isso fique velado, já que não há nomes diretos no texto, apenas insinuações.

#### 4. Considerações finais

A análise realizada mostrou que, no vídeo *Versos de legítima defesa*, os sentidos são construídos no sistema, pelos sujeitos, e na história – aspectos sociais e culturais – (MARI, 2008). Ao observar o sistema, vemos que os efeitos de sentido do vídeo apontam para uma instabilidade constitutiva da língua (Mondada e Dubois, 1995). No plano textual, percebemos como as formas predicativas, as Anáforas Indiretas e os sintagmas nominais, todos eles fonologicamente parecidos e apontando para outros signos, caracterizam e

ênfatisam determinados sentidos do referente. Já no plano discursivo, a seleção linguística e os processos de remissão textual estão de acordo com o projeto comunicativo do autor, ou seja, visam a um querer-dizer. Verificamos também que o vídeo possui sentidos implícitos que precisam ser desvelados pelo leitor por meio de inferências, ativação de conhecimentos prévios e/ou partilhados. Além disso, as escolhas lexicais revelam apreciações valorativas e pontos de vista de um enunciador e contribuem para a construção da imagem e características do referente.

Por meio dos estudos do Círculo de Bakhtin, vemos que as palavras têm em si uma significação ideológica e um conteúdo que alcançam um interlocutor e constroem os efeitos de sentido. Segundo Volóchinov (2017, p 204-205), “a palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social[...]”. Não há dúvida de que a orientação para um destinatário molda o conteúdo temático e o estilo de um gênero. Compreendemos, portanto, que o vídeo, em questão, apesar de ter sido publicado no Instagram para aqueles que são seguidores daquele perfil específico, visa a um público muito maior, que vive ou que conhece as experiências do meio político brasileiro, e se há um leitor que não partilha desses conhecimentos, o vídeo pode não atingir os efeitos de sentido desejados, como a reflexão sobre as consequências das atitudes dos governantes para o povo brasileiro.

Por fim, consideramos ser a arte um dos únicos caminhos possíveis para dar voz a tantos grupos que, muitas vezes, são silenciados por aqueles que detêm o poder social. Dessa forma, é por meio da expressão artística que ideologias contrárias àquelas que estão no poder têm a oportunidade de se expressar, reivindicar e lutar por direitos que muitas vezes são negados e prejudicam uma grande população que se encontra à margem da sociedade.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

BENVENISTE, Emile. Semiólogia da língua. *In*: BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1989, p. 43-67.

DUCROT, Oswald. Referente. *In*: DUCROT, Oswald. **Enciclopédia Einaudi**: linguagem e enunciação. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 2, 1984, p. 418-438.

FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978.

GALLESE, Vittorio; CUCCIO, Valentina. Embodied Simulation: A Paradigm for the Constitution of Self and Others. *In*: METZINGER, Thomas; WINDT, Jennifer M. (eds). **Open MIND**. Frankfurt: MIND Group, p. 1-5, 2015. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/271522873\\_Gallese\\_V\\_Cuccio\\_V\\_2015\\_Embodied\\_Simulation\\_A\\_Paradigm\\_for\\_the\\_Constitution\\_of\\_Self\\_and\\_Others\\_A\\_Reply\\_to\\_Christian\\_Pfeiffer\\_In\\_Metzinger\\_T\\_Windt\\_JM\\_eds\\_Open\\_MIND\\_Frankfurt\\_MIND\\_Group\\_pp\\_1-5](https://www.researchgate.net/publication/271522873_Gallese_V_Cuccio_V_2015_Embodied_Simulation_A_Paradigm_for_the_Constitution_of_Self_and_Others_A_Reply_to_Christian_Pfeiffer_In_Metzinger_T_Windt_JM_eds_Open_MIND_Frankfurt_MIND_Group_pp_1-5)>. Acesso em: 15 fev. 2020.

GUALBERTO, Clarice Lage; SANTOS, Zaíra Bonfante dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 35, n.2, p. 01-30, 2019.

JANKÉLEVITCH, Vladimir. **A música e o inefável**. Tradução e Prefácio: Clóvis Salgado Gontijo. São Paulo: Perspectiva, 2018

KOCH, Ingedore G. V. Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso. **Revista Investigações**. UFPE: Recife, 2008. pp.99-114.

KOCH, I. G.V. Referenciação e orientação argumentativa. *In*: KOCH, Ingedore, MORATO, Edwiges. e BENTES, Anna (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 34-52.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o braço textual e suas âncoras. *In*: KOCH, Ingedore, MORATO, Edwiges. e BENTES, Anna (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: contexto, 2005, p. 52-101.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social? *In*: NEGRI, F. *et al.* (Org.). **Sentido e significação** - Em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.

MARI, Hugo. **Os lugares do sentido**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008a.

MARI, Hugo. **Seminário Mecanismos espaciais de percepção** - The Paradigmatic Body – Embodied Simulation, Intersubjectivity, the Bodily Self and Language de Vittorio Gallese e Valentina Cuccio. Programa de Pós-graduação em Letras. Belo Horizonte: PUC Minas, 2020b.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e a categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. (Coleção Clássicos da Linguística). São Paulo: Contexto, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ROJO, Roxane. Textos multimodais. *In*: FRADE, I. C.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. (Orgs.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG - Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/multimodalidade>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. A natureza do signo linguístico. *In*: SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 79-84.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. **Amor brasileiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 201-226.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 109-146.

WITTGENSTEIN, Ludwig. (2013). **Investigações Filosóficas**. Rio de Janeiro: Vozes, p.154.

---

<sup>i</sup> Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição e bolsista do CNPq. E-mail: [heloisaneves@sga.pucminas.br](mailto:heloisaneves@sga.pucminas.br). ORCID: 0000-0002-9632-8590.

<sup>ii</sup> Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição, bolsista assistencial. E-mail: [renato.cassim@sga.pucminas.br](mailto:renato.cassim@sga.pucminas.br). ORCID: 0000-0002-1217-1013.